



REPORTAGEM DE CAPA

TEMER E A CASA-GRANDE

ACUSADO DE INTEGRAR "A QUADRILHA DO PMDB" E DE CALAR O DOLEIRO FUNARO PELO PGR FERIDO, O PRESIDENTE ILEGÍTIMO VAI ENFRENTAR UM NOVO EMBATE PELO MANDATO, MAS CONTA COM OS RICOS PARA SE SALVAR

por ANDRÉ BARROCAL

Quando se viu diante dos planos delatores do criminoso empresário Joesley Batista, da JBS-Fribri, Rodrigo Janot sonhou em deixar o comando da Procuradoria-Geral da República com chave de ouro. Derrubaria Michel Temer. Deflagrou sua ofensiva em maio e quase viu o presidente renunciar, mas o peemedebista resistiu, partiu para a guerra e teve início uma carnificina entre os dois.

Atacado sem dó por Temer e o juiz governista Gilmar Mendes, suspeito de ter abrigado na equipe um procurador disposto a fazer um acertinho malandro com a Fribri, na mira de uma CPI criada para infenizar inimigos presidenciais, criticado na PGR por prejudicar os interesses salariais da corporação ao dar corda à luta contra os políticos e por negligenciar tudo que

não fosse combate à corrupção, um combalido Janot passaria o bastão na segunda-feira 18 a uma opositora escolhida pelo Palácio do Planalto, Raquel Dodge. Nada parecido com um fim de carreira dourado.

Mas até que Janot ainda pode almejar alguns confetes. O mineiro que liderou a Procuradoria por quatro anos e agora pretende se dedicar a escrever dois livros sobre bastidores de delações e a ganhar (ainda mais) dinheiro com advocacia, cumpriu a palavra de que "enquanto houver bambu, lá vai flecha". Sua derradeira "flechada" em Temer, na quinta-feira 14, mantém o presidente encurralado, ao inserir na ficha corrida dele uma denúncia com duas acusações. Primeira: liderar uma organização criminosa, o PMDB da Câmara, que usa o poder para fazer negócios e que derrubou Dilma Rousseff para acabar com a Operação Lava Jato. Uma trupe composta ainda por Eduardo Cunha (cumpre pena de 15 anos), Henrique Alves (preso em

caráter preventivo), Geddel Vieira Lima (idem), Rodrigo Rocha Loures (processado), Eliseu Padilha (denunciado), Moreira Franco (idem). Segunda: obstruir a Justiça ao avalizar um cala-boca da Fribri no doleiro, operador financeiro e meliante Lúcio Funaro, recém-convertido em delator após 13 meses de cárcere e silêncio.

Em sua delação, validada pela Justiça agora em setembro, Funaro afirmou ter feito um acordo com Joesley em dezembro de 2015. Já temia ser preso na época, medo que virou realidade em julho de 2016, e combinara de o empresário não deixar faltar nada à sua família. Seria a forma de liquidar uma propina devida ao doleiro por ter ajudado a Fribri a obter na Caixa Econômica Federal um bilionário empréstimo para comprar a Alpargatas em 2015. O banco tinha



Foto do momento: Janot, de patéticos óculos escuros, encontra o advogado da Friboi

dirigentes apadrinhados pelo PMDB para trabalhar em prol das finanças do partido e de certos filiados, e Funaro era peça da engrenagem. O dono da Friboi teria topado o trato para não ser incriminado pelo doleiro em caso de delação. Na conversa com Temer na calada da noite de 7 de março no Palácio do Jaburu, o empresário insinuou algo a respeito do silêncio do doleiro, de modo meio enviesado, eis o elo presidencial com obstrução da Justiça, na visão de Janot.

À PGR, Funaro contou uma história que aumenta a hipótese de o Palácio do Planalto ter agido direta ou indiretamente para calar a testemunha de enredos cabeludos para Temer e o PMDB. Às vésperas de ser encarcerado em julho do ano passado, o doleiro esboçara uma proposta de deduragem e enviara a seu advogado da época, Antonio Claudio Mariz de Oliveira, amigo e atual defensor do presidente. A informação foi parar no Planalto e logo

o peemedebista Geddel Vieira Lima, então chefe da articulação política do governo, contatava Funaro, por meio de mensagem de celular, para saber que história era aquela. Hoje, Geddel está preso no presídio da Papuda, não mais em casa, graças ao *bunker* dos espantosos 51 milhões de reais recém-encontrados na Bahia, e viu um perigo para Temer. Seria parte da bufunfa pertencente ou destinada ao

presidente? Boca de Jacaré, apelido dado a ele por Funaro por causa da gula financeira, vai virar delator?

A deduragem de Funaro tem 28 anexos sobre temas ou personagens específicos, dois dedicados a Temer, citado 72 vezes. Essa delação, mais o material da Friboi e um relatório da Polícia Federal sobre o “quadrilhão do PMDB” estão no centro da última “flechada” em Temer. A PF caprichou. Descreve em detalhes o peemedebismo, *modus operandi* movido a ocupação de cargos públicos por meio de votos ou chantagem parlamentar. E ainda apresenta um organograma de 12 personagens com Temer ao centro, na qualidade de *capo*. “Como em toda organização criminosa com divisão de tarefas, o presidente Michel Temer utiliza-se de terceiros para executar ações sob seu controle e gerenciamento”, diz o

A DERRADEIRA FLECHADA DO PROCURADOR-GERAL MANTÉM O PRESIDENTE ENCURRALADO



REPORTAGEM DE CAPA

documento. A parceria com certo corrupto condenado a 15 anos merece destaque. “Enquanto Eduardo Cunha fazia a parte obscura das tratativas espúrias, negociatas, ameaças e chantagem política, com grupos políticos opositores e empresários, o presidente Michel Temer, como liderança dentro do PMDB, tinha a função de conferir oficialidade aos atos” de Cunha.

O relatório reúne vários casos já conhecidos, síntese do prontuário do cidadão que governa o País e na terça-feira 19 abrira (envergonhado?) outra sessão anual das Nações Unidas, privilégio de todo mandatário brasileiro, não importa quantos votos ou processos tenha. A propósito, nenhum chefe de Estado ou governo queria encontrar Temer para uma conversa a sós em Nova York paralelamente à ONU, a ordem no Itamaraty era se virar para achar alguém. Diplomacia à parte, a PF recordou a participação de Temer na fraude em um contrato internacional da Petrobras com a Odebrecht. Uma tramoia de 40 milhões de dólares abençoadas por ele em seu escritório em São Paulo na eleição de 2010, conforme atestam delatores e planilhas da Odebrecht. Os federais lembraram ainda o famoso jantar no Jaburu, em maio de 2014, com a presença do anfitrião, de Padilha, Marcelo Odebrecht e um lobista da empreiteira, Cláudio Melo Filho, no qual ficou acertada uma doação com dinheiro sujo de 10 milhões da empreiteira ao PMDB. Citação também àquele 1 milhão de reais entregue durante a eleição de 2014, a pedido de Temer, segundo delatores da Friboi, ao coronel João Baptista Lima Filho, amigo do presidente. E aos 500 mil reais em propina recebidos do frigorífico em abril pelo homem da mala, Rodrigo Rocha Loures, indicado por Temer para ser um elo com a empresa.



O processo judicial no caso da propina na mala, a primeira flechada de Janot, irá adiante assim que Temer deixar o poder, pois os deputados não deixaram que algo fosse feito enquanto ele estiver no cargo. Graças ao maleiro, os últimos dias trouxeram não só outra denúncia contra Temer, mas também a abertura de inquérito no Supremo Tribunal Federal para investigar as antigas, notórias e suspeitas ligações do peemedebista com o setor portuário. Um assunto em que o coronel Lima, um sujeito das sombras, reaparece. Na vigília sofrida da PF em suas negociações com o pessoal da Friboi, Loures foi gravado a apontar gente da empresa portuária Rodrimar,

**A DINHEIRAMA
ENCONTRADA NO
BUNKER DE GEDDEL
SERIA PARTE
DA BUFUNFA
PERTENCENTE
OU DESTINADA
A TEMER?**

atuante em Santos, como possíveis receptores da propina que ele mesmo acabaria por receber. Despontaram os nomes do dono da companhia, Antonio Celso Grecco, amigo de Temer, e Ricardo Mesquita, diretor. Mais: nas gravações, Loures conversa com Mesquita sobre um decreto a mexer nas regras do setor portuário então no forno do Planalto, mais tarde assinado pelo presidente.

A delação do doleiro Funaro joga lenha na fogueira portuária. Segundo ele, “Temer tem grande influência no Porto de Santos,

sendo que tem negócios com a empresa Rodrimar”, daí o peemedebista ter mergulhado juntamente com Cunha na guerra que foi a aprovação de uma nova lei de portos em 2013, proposta por Dilma Rousseff no ano anterior e desfigurada pelo atual governo. Uma desconfiança antiga, diga-se de passagem. Em 1999, um processo na 3ª Vara da Família de São Paulo movido contra o então comandante do Porto de Santos dizia que ele, Marcelo Azeredo, era subornado. “Essas caixinhas ou propinas eram negociadas com os vendedores das licitações ou com os concessionários e repartida entre o requerido (Azeredo), seu padrinho político, o deputado federal Michel Temer, hoje presidente da Câmara dos Deputados, e um tal de Lima”, dizia a ação. O “tal” de Lima era o coronel. Um dos subornadores citados na ação era a Rodrimar.

Na última flechada contra Temer, Janot pede que ele seja condenado de 3 a 8 anos de cadeia, perca o cargo e rateie com os demais acusados uma indenização de no mínimo 642 milhões entre danos materiais e morais, além de devolver ao Erário o que tiver embolsado. E aproveitou para se livrar do polêmico perdão dado à JBS e incluiu Joesley Batista e Ricardo Saud entre

HÉLVIO ROMERO/ESTADÃO CONTEÚDO



O QUADRILHÃO DE TEMER, SEGUNDO A PF





REPORTAGEM DE CAPA

os acusados de obstruir a Justiça. Menos mal. As descobertas sobre o papel ativo de Marcelo Miller, ex-integrante do grupo de trabalho montado por Janot para cuidar da Operação Lava Jato, na delação da Fribói, de quem se tornaria advogado em seguida, tinham dado munição aos temeristas contra Janot. Sua situação não melhorou nada após circular na internet uma foto do “xerife” de óculos escuros a conversar às escondidas em um bar de Brasília com um advogado da empresa no sábado 9, um encontro alegadamente casual.

Na Câmara, conta um deputado do PMDB, há grande ressentimento com Janot, em razão do cerco do Ministério Público à classe política na Operação Lava Jato. A queda do presidente, diz essa fonte, seria uma vitória de Janot, gostinho que muito parlamentar não quer dar a ele. A bronca é um dos combustíveis por trás da recém-instalada CPI da JBS, a juntar deputados e senadores. Ela tinha sido criada no papel há tempos, mas só ganhou vida nos últimos dias, por interesse dos governistas em revirar a delação da Fribói. O objetivo ali é detonar Janot e Joesley Batista. O presidente da comissão parlamentar de inquérito, senador Ataídes Oliveira, do PSDB, foi beijar a mão de Temer três dias antes da primeira reunião do colegiado. O relator é um *jihadista* do presidente, Carlos Marun, do PMDB, cumpridor da mesma função na

O STF AINDA VAI JULGAR SE CONTINUAM VÁLIDAS A DELAÇÃO DE JOESLEY E AS PROVAS OFERECIDAS A JANOT. A ANULAÇÃO ESTÁ NO AR

defesa de Eduardo Cunha na cassação desse por quebra de decoro. Marun apresentaria na terça-feira 19 um roteiro de trabalho, e é bem provável que Janot seja convocado a sentar na cadeira de interrogado.

Outra boia para Temer se segurar, ao menos por ora: o Supremo negou na quarta-feira 13 um pedido do presidente para proibir, por causa de alegados instintos



Meirelles
em enlevo, já
apontado como
candidato
à Presidência

persecutórios, Janot de denunciá-lo, mas ainda vai julgar se continuam válidas as provas proporcionadas por Joesley à Procuradoria. A ameaça de anulação está no ar. O empresário entregou-se à Polícia Federal no domingo 10 após ter sua prisão decretada. Foi acusado por Janot de esconder ilícitos, como o trato malandro com Marcelo Miller para dar um jeito de incriminar Temer. Ficaria no xilindró por apenas cinco dias, mas agora está detido sem data para sair, a exemplo do irmão Wesley, outro delator, em razão de um processo judicial que investiga se a família usou a própria dedicação para ganhar dinheiro no mercado com informação privilegiada. É a primeira vez que o País vê alguém ser preso por uso de informação privilegiada.

A favor do presidente há ainda os interesses econômicos da elite, esse pessoal chegado a uma informação privilegiada. Os ricos, os capitalistas e o “mercado” não estão nem aí para o fato de o País ser governado por uma figura com o prontuário de Temer. Ao contrário. A aparente sobrevida do “ladrão-geral da República” logo após as lambanças de Janot no escândalo Fribói foi digna de comemoração na Bovespa. Joesley depôs a Janot na quinta-feira 7 sobre bandalheiras que teria escondido, não foi convincente e três dias depois entregava-se à PF, por ter tido uma prisão de cinco dias decretada. Pois na segunda-feira 11, a Bolsa quebrou o recorde de negócios em um único dia

OS RICOS E O CAPITAL SÃO TEMER

42%

É a porcentagem de brasileiros com **renda familiar superior a dez salários mínimos** que acham que o presidente deve concluir o mandato

10,3%

Foi quanto subiu a renda da **classe A** no primeiro semestre, grupo com ganhos acima de 17,2 mil mensais, enquanto nas classes **D e E** houve **queda de 3,5%**

74
mil pontos

É quanto a **Bovespa** acaba de alcançar, um recorde histórico

134%

É a alta acumulada pelas ações do **Bradesco** desde o início de 2016. De 2007 a 2015, tinham subido 34%

95%

É a alta acumulada pelas ações do **Itaú** desde o início de 2016. De 2007 a 2015, tinham subido 58%

Fontes: Datafolha, Tendências Consultoria, Bovespa, Gradual Investimentos



e fechava pela primeira vez acima de 74 mil pontos. E bateria de novo mais duas vezes seguidas. Entre as explicações do “mercado” para o fenômeno, uma era política: o respiro do governo, com a consequente retomada da impopular reforma da Previdência, prometida pelo ministro da Fazenda, Henrique Meirelles, para ser votada em outubro na Câmara. Meirelles, aliás, teve o nome lançado à Presidência na quarta-feira 13, depois de almoçar com deputados de seu partido, o PSD. Negou que seja pré-candidato, mas foi tão convincente quanto seu ex-chefe Joesley.

Na Bovespa, dois bancos têm sido determinantes para os negócios, Bradesco e Itaú. Ao lado de Petrobras, AmBev e Vale, eles compõem 40% do índice da bolsa. Desde o início de 2016, a dupla viu suas ações dispararem, 134% do Bradesco e 95%, do Itaú. É mais do que a valorização nos oito anos de 2007 a 2015, de 34% e 58%, respectivamente. O motivo? O governo financeiro de Meirelles, ex-BankBoston, e Ilan Goldfajn, ex-Itaú, hoje no Banco Central. Na era Temer, sobram medidas pró-bancos, a acumular lucros recordes desde o início da austeridade em 2015, apesar da recessão braba. O mimo

mais recente foi a aprovação definitiva da lei que acaba com a TJLP, juro camarada do BNDES para indústrias e investimentos em infraestrutura. Um legado a se somar à facilitação do pagamento de juros da dívida pública graças ao congelamento dos gastos públicos por 20 anos. Detalhe: instituições financeiras são credoras de 22% da dívida federal, mais de 700 bilhões de reais. Uma reforma das aposentadorias que dificulte o acesso das pessoas aos benefícios, objetivo de Temer, empurrará milhões aos pacotes dos bancos. As anunciadas privatizações são outro fiasco, os bancos podem financiar compradores, montar consórcios etc.

Bolsa é investimento em tese aberto a qualquer um, mas quem tem dinheiro para



investir mesmo é a elite. O pessoal da classe A, por exemplo. Uma dessas consultorias atuantes no “mercado”, a Tendências, reduto ortodoxo e direitista, fez umas contas há pouco e constatou que a classe A anda de braçada este ano. No primeiro semestre, o PIB ficou estagnado, 0% de variação. A renda das classes D e E, uns 45 milhões de famílias que para a Tendências ganham menos de 2,3 mil reais mensais, encolheu 3,1%. Já a renda da classe A viu seus rendimentos crescerem 10,3%. Um milhão de famílias com ganhos mensais superiores a 17,2 mil mensais. Mais do que explicado por que ao ir às ruas em junho saber a opinião das pessoas sobre a permanência de Temer no poder o Datafolha constatou que 42% dos entrevistados com renda acima de 10 salários mínimos defendia que o presidente encerrado terminasse o mandato. Na média geral, 65% queriam a saída dele.

Pesquisas mais recentes mostram que há ainda mais gente contra a permanência de Temer. A aprovação do governo está pela casa de míseros 5%. Na Câmara, onde o futuro do presidente será decidido caso o Supremo não promova nenhuma reviravolta no jogo como, por exemplo, a anulação da delação da Friboi, a turma do “Centrão” anda uma fera com o PSDB, que deu metade de seus votos a favor da degola de Temer, embora desfrute de quatro ministérios. O líder do PP na Câmara, o enrascado Arthur Lira, tem dito que a permanência do tucano Antonio Imbassahy no comando da articulação política do Planalto pode ter consequências para o governo. Chantagem pura: uma voz importante do Centrão não esconde que o grupo quer a cadeira de Imbassahy e está disposto a usar a votação da última flechada de Janot para alcançar o objetivo.

Mas e Raquel Dodge? Vai se empenhar para a flechada ser letal? Seu compromisso com a Operação Lava Jato não é igual ao de Janot. Ela acha, por exemplo, que a obsessão com o combate à corrupção enfraqueceu a PGR na defesa dos direitos humanos. Mistério...•